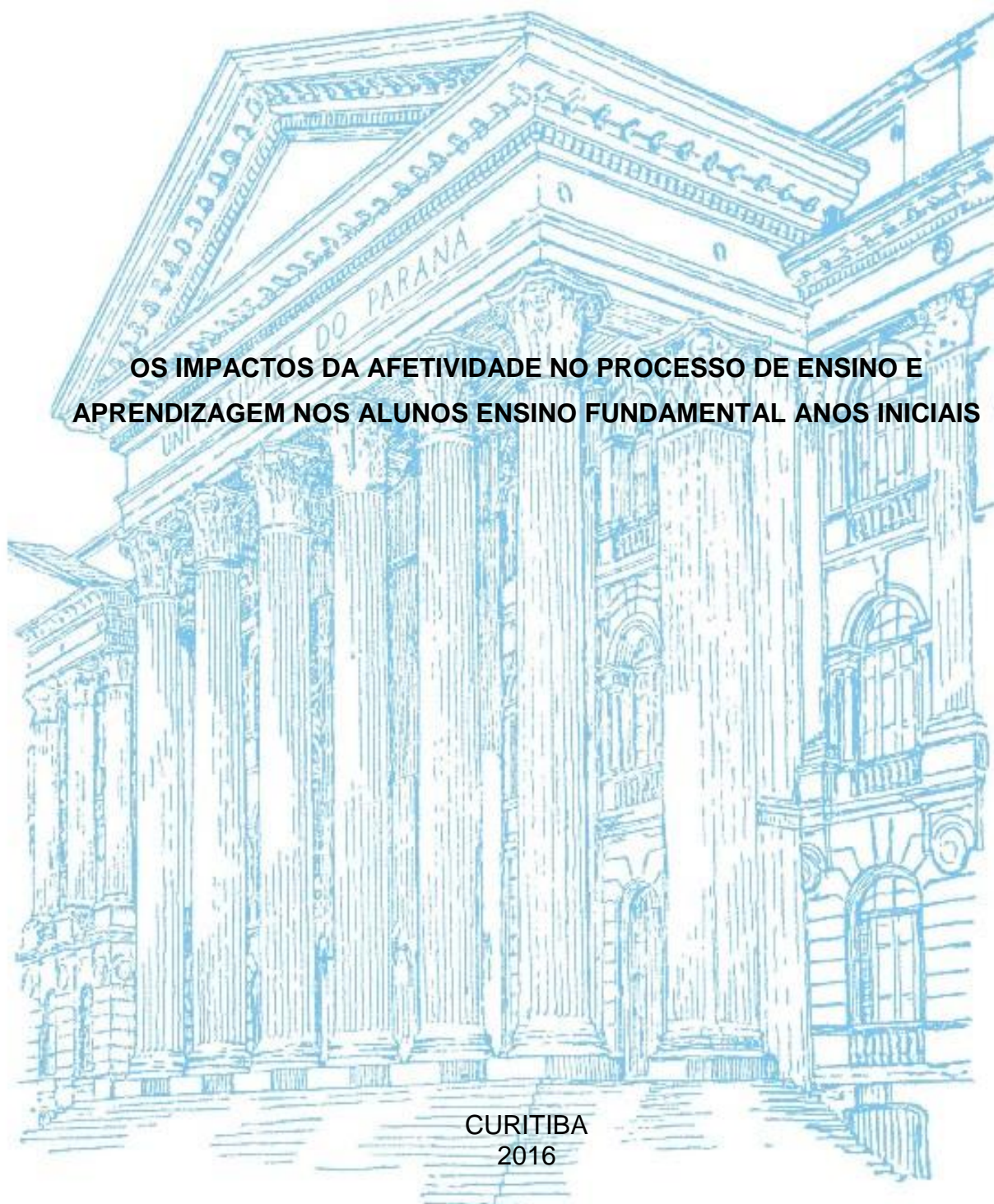


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

SILVANA APARECIDA MENDES MONTEIRO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

SILVANA APARECIDA MENDES MONTEIRO

**OS IMPACTOS DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO E
APRENDIZAGEM NOS ALUNOS ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS**

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Professor Me. Adilson Luiz Tiecher

CURITIBA
2016

Os impactos da afetividade no processo de ensino e aprendizagem nos alunos do ensino fundamental anos iniciais

Silvana Aparecida Mendes Monteiro*

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar algumas contribuições da relação afetiva para o processo de ensino e aprendizagem, buscando compreender como acontece essa relação entre professor e aluno dos Anos iniciais do Ensino Fundamental, apontando para o fato de que a afetividade pode ser um fator determinante ocasionando impactos positivos e negativos no rendimento escolar de uma criança e em sua vida futura. A pesquisa traz reflexões sobre a afetividade no processo de ensino e aprendizagem, elencando pesquisas contemporâneas que refletem sobre as contribuições da relação entre professor e aluno para o processo de aprendizagem escolar. Ao chegar à escola a criança se depara com um meio de relações sociais em que ela será integrada havendo um processo de transição do conhecido meio familiar para um ambiente com pessoas e coisas às vezes bastante desconhecidas, ocasionando medo, insegurança e ansiedade assim como novos relacionamentos e aprendizagem. Algumas crianças agem tranquilamente à esse processo interagindo com professores, colegas e os novos contextos sociais, outras porém, não realizam esse processo de transição tão facilmente necessitando da atenção de educadores com encaminhamentos redimensionados e apoio familiar. A partir de bibliografias educacionais e pedagógicas, este artigo traz uma fundamentação teórica sobre os impactos da afetividade no processo de ensino e aprendizagem, com vistas a sensibilizar os professores sobre a importância deste tema. Portanto, pretende-se através desta pesquisa analisar e discutir como tem ocorrido a afetividade na prática pedagógica entre professor e aluno e como o professor tem utilizado das teorias do desenvolvimento baseando-se nas contribuições de alguns autores que relacionam a afetividade aliada à educação como ponto importante para melhor aprendizado e desenvolvimento dos alunos, fortalecendo suas relações sociais e seu desenvolvimento cognitivo.

Palavras-chave: Afetividade. Aprendizagem. Professor. Aluno. Ensino Fundamental.

* Artigo produzido pela aluna Silvana Aparecida Mendes Monteiro, do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, sob orientação do professor Me. Adilson Luiz Tiecher. E-mail: silmonteiro761@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Convivendo em uma sociedade capitalista, as famílias estão cada vez mais distantes de seus filhos por conta do excesso de trabalho que acumulam para sobrevivência e suprimento de suas necessidades. Uma sociedade que faz dos trabalhadores escravos vendendo sua força de trabalho e consumindo produtos que a mídia impõe como sendo o modelo de sociedade atual incentivando cada vez mais o consumo exagerado.

Diante dessa realidade vivida nos dias de hoje com diferentes fatores fazendo parte da vida social do indivíduo, entre eles a entrada da mulher no mercado de trabalho e diferentes núcleos familiares. A necessidade dos pais terem que sair de casa para trabalhar ficando por mais tempo longe de seus filhos, acaba ocasionando uma carência afetiva familiar, entre ambas as partes, fazendo com que os mesmos consumam cada vez mais com gastos supérfluos para os filhos, tentando superar um vazio que existe dentro de si, por não terem mais tempo para eles, dando-lhes tudo o que pedem, não havendo limites no que realmente é necessário ter ou não. Ao agirem assim, os pais acabam incentivando indiretamente que as crianças pensem que podem tudo, desafiando autoridades, tendo insatisfação pelo que possuem, sempre querendo mais e mais, com um descontentamento que não tem fim. É através da escola que podemos mudar esse pensamento idealista construindo o conhecimento e apropriando-se dele para se tornar um sujeito crítico intervindo nessa realidade existente para busca da superação do capitalismo.

No entanto, cada vez mais os professores se deparam com crianças apresentando problemas emocionais, carentes de afeto, atenção e cuidados, o que vem refletindo diretamente no processo de ensino e aprendizagem. Salientamos aqui a importância da afetividade nesse processo e nas relações pedagógicas entre professor e aluno apontando para o fato de que ela pode determinar o sucesso ou o fracasso de uma criança na escola e em sua vida futura.

Portanto realizou-se pesquisa bibliográfica com base nas concepções teóricas de Almeida, Eugênio Cunha, Henri Wallon, dentre outros, com objetivo principal de compreender a influência do professor no processo do desenvolvimento sócio/afetivo do educando. A escola deve proporcionar um espaço de reflexões sobre a vida do aluno como um todo, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica e transformadora, na qual esse processo não deveria dissociar-se da

afetividade. Sendo que o professor é fundamental para a aprendizagem dos alunos, tornando a afetividade um dos elementos que influenciam esse processo.

A afetividade constitui-se como um elo mediador do processo ensino aprendizagem em que o aluno, o sujeito principal nessa relação, sofre as consequências com forte influência no desenvolvimento cognitivo, pois quando uma criança sente-se respeitada e aceita pelo seu professor, com certeza este aluno sentirá o desejo de aprender.

Segundo Leontiev (1978), o sentido da ação é dado pelo motivo, ou seja, por que o sujeito faz. Assim, o sentido está ligado ao valor emocional; as emoções que o sujeito sente ao realizar uma ação são produzidas pela inserção desta numa atividade. Portanto existe afetividade, emoções e sentimentos na relação com a atividade e não apenas na relação entre os sujeitos. Desta forma, a afetividade pode ser desenvolvida em uma determinada atividade socialmente estabelecida que é a atividade escolar, na qual o professor tem como principal tarefa ensinar.

No entanto dentro da sala de aula, a relação do professor com a criança também é carregada de afetividade para que ela se sinta segura, protegida; porém, isso não quer dizer que o profissional se deixe levar pelas emoções. Ele deve agir com profissionalismo, gostar das crianças como um profissional e não confundir isso com uma relação de vínculo afetivo familiar.

Para tanto, o presente artigo tem por objetivo compreender os fatores impactantes e sua influência na relação afetiva entre professor e aluno relacionados com o processo de aprendizagem de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental.

Como objetivos específicos, buscam-se contribuições de autores que abordam a afetividade no processo de aprendizagem, bem como relacionar as contribuições das pesquisas teóricas sobre afetividade na aprendizagem com a realidade escolar na atualidade.

Como encaminhamento metodológico, o presente artigo foi realizado por meio de pesquisas de cunho bibliográfico na internet, com leitura de alguns artigos científicos selecionados no site “scielo.or-scientific eletronic library” e em livros, buscando autores que podem contribuir na compreensão de como ocorre esse processo de afetividade na criança.

Para fins de apresentação, o artigo está organizado em três tópicos, a saber: a afetividade segundo Wallon, Saltine e Eugênio Cunha; a afetividade como

instrumento de mediação entre o desenvolvimento e a aprendizagem; e a Afetividade e a influência do educador para o desenvolvimento social.

2 A AFETIVIDADE SEGUNDO WALLON, SALTINE E EUGÊNIO CUNHA

Para Wallon, (2008), a afetividade nasce antes mesmo da inteligência. As emoções são constituição intermediária entre o corpo, sua fisiologia e seus reflexos e as suas condutas psíquicas de adaptação. Sua teoria no desenvolvimento é eminentemente integradora entre os processos cognitivos, afetivos e motores, estando imbricados uns nos outros. Para ele, o papel da afetividade inclui emoções, sentimentos e paixões como constituintes do ser humano. O conjunto de afetividade oferece as funções responsáveis pelas emoções, sentimentos e paixão.

A afetividade refere-se à capacidade do ser humano de ser afetado pelo mundo interno e externo, por sensações ligadas a tonalidades agradáveis e desagradáveis de acordo com Almeida (2011).

Para Wallon (1941), duas dimensões do movimento fazem parte do desenvolvimento precoce infantil, uma é a expressiva, a das emoções e a outra é instrumental, que envolve o movimento e a ação direta sobre o meio físico concreto.

O pensamento vai gradativamente construindo-se sendo sustentado pelo movimento. O conjunto funcional cognitivo oferece um conjunto de funções para lidar com o meio e resolver as situações de realidade. É responsável pela aquisição, transformação e manutenção do conhecimento por meio das representações, noções, ideias, memória, criatividade, imagens, imaginação, enfim pelas funções psicológicas superiores que levam o indivíduo a interagir com o seu meio de forma eficiente. Conforme o sujeito se desenvolve, as necessidades vão se tornando mais intelectualizadas, porém nunca deixarão de existir nessa totalidade. Wallon (1941), também cita que o desenvolvimento é um processo constante e cada estágio tem a sua importância para a prática educativa.

Wallon (1941) construiu uma sequência de estágios para explicar como o indivíduo se relaciona com o ambiente e com os outros humanos e, finalmente se constitui como pessoa. Os estágios são: impulsivo-emocional, sensório-motor, projetivo, personalismo, categorial, puberdade, adolescência e adulto.

Para Wallon (1995), as dimensões da afetividade e da inteligência se revezam ao longo dos referidos estágios. Nos estágios impulsivo-emocional, personalismo,

puberdade e adolescência, predominam o movimento “para si mesmo” que ele chama de força centrípeta, havendo uma maior prevalência do conjunto funcional afetivo. Já nos estágios sensório-motor, projetivo e categorial, o movimento se dá “para fora” para o conhecimento do outro, o que ele chama de força centrífuga, o predomínio é do conjunto funcional cognitivo.

Wallon (1995) ainda reforça a importância do professor conhecer os estágios, pois o conhecimento sobre a organização dos estágios amplia as possibilidades na prática pedagógica em sala de aula, conhecendo melhor e com maior domínio as fases do desenvolvimento psicológico de cada criança, identificando as características de cada estágio, por parte do professor podendo proporcionar melhor planejamento das condições de ensino e a elaboração de atividades que promovam entrosamento mais produtivo entre os conteúdos da escola e as necessidades da pessoa em desenvolvimento, tornando a aprendizagem mais prazerosa e com significado individual.

Cunha apud Piaget (2008) aponta quatro estágios, com diferentes níveis sendo o sensório motor, pré-operatório, operações concretas e operações formais. Para o autor cada período constitui um momento do desenvolvimento, onde são construídas estruturas cognitivas singulares.

De acordo com Cunha (2008) Piaget em seus estudos comprova a existência desses estágios de desenvolvimento das crianças muito importante para o aprendizado sendo que a cada etapa a criança tem a oportunidade de crescimento intelectual e amadurecimento de suas emoções desenvolvendo a afetividade.

No entanto Cunha (2008) relata que é importante que o professor conheça os estágios do desenvolvimento cognitivo do seu aluno, para utilizar os mecanismos educativos apropriados que promovam práticas pedagógicas estimulativas, não restritivos, adequados ao período de amadurecimento de cada idade, pois à medida que a criança vai amadurecendo há uma estreita relação entre o processo cognitivo e afetivo sendo determinados em cada etapa de seu desenvolvimento.

Saltini (2002) cita que o professor precisa conhecer a criança, mas deve conhecê-la não apenas na sua estrutura biofisiológica e psicossocial, mas também na sua interioridade afetiva, na sua necessidade de criança que chora, ri, dorme, sofre e busca constantemente compreender o mundo que a cerca, bem como o que ela faz ali na escola. Quando uma criança chega a uma escola, não vai apenas para

aprender, mais para vivenciar também o aprendizado de forma total e quando o professor assim a percebe poderá então orientá-la rumo ao amanhã.

Conforme Saltini (2002), a criança no grupo busca satisfazer suas necessidades de amor, afeto, acolhimento, registros que traz da primeira socialização, ela, mãe e pai. Ela procura de imediato encontrar esses valores no professor e depois no grupo. “Essa inter-relação é o fio condutor, o suporte afetivo do conhecimento”. Complementa o referido autor, dizendo que neste caso, o educador serve de continente para a criança. Poderíamos dizer, portanto, que o continente é o espaço onde podemos depositar nossas pequenas construções e onde elas tomam um sentido, um peso e um respeito, enfim, onde elas são acolhidas e valorizadas, tal qual um útero acolhe um embrião. (SALTINI, 1997).

A escola, por ser um agente socializador fora do círculo familiar da criança, torna-se a base da aprendizagem se oferecer todas as condições necessárias para que ela se sinta segura e protegida. Portanto, é imprescindível a presença de um educador que tenha consciência de sua importância não apenas como um mero reproduzidor da realidade vigente, mas sim como um agente transformador, com uma visão sócio crítica da realidade.

3 A AFETIVIDADE COMO INSTRUMENTO DE MEDIAÇÃO ENTRE O DESENVOLVIMENTO E A APRENDIZAGEM

Para que ocorra o conhecimento no processo ensino aprendizagem, é preciso que haja o afeto como um meio facilitador para a educação, pois é uma importante ferramenta no auxílio ao professor sendo desenvolvido dentro da sala de aula para impactar na atenção dos alunos, motivando-os para que aprendam e participem das aulas. Podemos compreender como Saltini (2008) cita:

Inicialmente, educar seria, então, conduzir ou criar condições para que, na interação, na adaptação da criança de zero até seis anos, fosse possível desenvolver as estruturas da inteligência necessárias ao estabelecimento de uma relação lógico-afetivo com o mundo. (SALTINI, 2008, p. 12)

Para Saltini (2008), é através da interação afetiva do aluno com o professor e com seus colegas de classe, que ocorre a troca de informações através do diálogo, em que o aluno vai se desenvolver intelectualmente na interação das atividades.

Cunha (2008) mostra-nos a importância do professor conhecer os estágios do desenvolvimento cognitivo do seu aluno, para utilizar os mecanismos educativos apropriados que promovam práticas pedagógicas estimulativas, não restritivas, adequadas ao período de amadurecimento de cada idade.

No entanto ressalta-se que de acordo com o estágio de desenvolvimento em que a criança está, ocorre uma relação paralela entre o desenvolvimento afetivo e intelectual, sendo que a afetividade é a base sobre a qual se constrói o conhecimento como nos relata Cunha (2008):

O modelo de educação que funciona verdadeiramente é aquele que começa pela necessidade, de quem aprende e não pelos conceitos de quem ensina. Ademais, a prática pedagógica para afetar o aprendente deve ser acompanhada por uma atitude vicária do professor. (CUNHA, 2008, p. 63).

No entanto, segundo o autor, na prática pedagógica do professor, o foco principal deve ser o aluno, fazendo-se necessário o educador refletir sobre cada ação direcionada aos alunos, entendendo que para haver um aprendizado significativo, o aluno deve ter suas reais necessidades respeitadas. O ato de ensinar não deve ser encarado como algo imposto ou como transferência de conhecimentos, deve ser estimulado pelo professor havendo o envolvimento da criança, sentindo o gosto e o desejo de aprender.

Para que aconteça uma prática pedagógica de qualidade, é necessária a existência de estímulos que transformem o aprendizado do aluno em algo prazeroso. O exercício de uma pedagogia afetiva permite ao professor conhecer o seu aluno bem como suas particularidades.

Cunha (2008) também cita que o que vai dar qualidade ou modificar a qualidade do aprendizado será o afeto. São as nossas emoções que nos ajudam a interpretar os processos químicos, elétricos, biológicos e sociais que experienciamos, e a vivência das experiências que amamos é que determinará a nossa qualidade de vida. Por esta razão todos estão aptos a aprender quando amarem, quando desejarem, quando forem felizes.

De acordo com Cunha (2008), o desenvolver do afeto na relação ensino aprendizagem do aluno será algo determinante nesse processo, pois o mesmo sentindo-se amado sentirá o desejo de aprender e conseqüentemente este saber adquirido elevará sua autoestima e o tornará feliz, ressaltando que:

Há professores que mesmo com pouquíssimos recursos que afetam tanto que são capazes de transformar suas aulas em dínamos de inteligências, mesmo recitando o catálogo telefônico. Pode ser um exagero usar o catálogo como metáfora, mas na verdade, em nossa memória, o que conservamos são as coisas que nos afetam, para o bem ou para o mal. (CUNHA, 2008, p. 69).

Segundo Cunha (2008), é importante o professor saber realizar uma boa aula, transformando-a em uma rica experiência de aprendizado a qual deixará marcas positivas na vida do aluno, pois em razão do conhecimento prévio do conteúdo, o professor possui o domínio da matéria e, por conseguinte, sabe como promover o aprendizado dos seus alunos. Entretanto, além disso, ele ama o que faz. O seu amor provoca o amor da classe, como resultado, há fixação do que foi ensinado. A essa pedagogia, podemos chamar de afetiva.

A pedagogia afetiva é esta linha que deveríamos seguir em sala de aula, demonstrando afeto, sensibilidade, respeito, responsabilidade, dedicação, empatia e principalmente compromisso com o que se faz e para quem se faz. Com isso podemos constatar a boa receptividade dos alunos em querer absorver o que está sendo transmitido por parte do professor, essa confiança quando adquirida se torna mútua.

Saltini (2008), diz que o professor precisa conhecer e ouvir a criança. Deve conhecê-la não apenas na sua estrutura biofisiológica e psicossocial, mas também na sua interioridade afetiva, na sua necessidade de criatura que chora, ri, dorme, sofre e busca constantemente compreender o mundo que a cerca, bem como o que ela faz ali na escola.

Saltini (2008) nos mostra o quanto é necessário o professor estabelecer um vínculo afetivo com o aluno, conhecer, saber quem é como é valorizando-o e fazendo perceber que está disposto a ajudar, transmitindo segurança para essa criança.

Para que exista um bom relacionamento entre o professor e o aluno, é necessário haver afetividade, pois a mesma contribui de forma significativa para que ambas as partes sintam prazer em querer se relacionar.

Martinelli (2005) nos relata que a escola deve propiciar um ambiente favorável à aprendizagem em que seja trabalhada a autoestima, a confiança, o respeito mútuo, a valorização do aluno, sem, contudo esquecermo-nos da importância de um ambiente desafiador, mas que mantenha um nível aceitável de

tensões e cobranças é algumas das situações que devem ser pensadas e avaliadas pelos educadores na condução de seu trabalho.

Sendo assim, a escola juntamente com seus professores deve proporcionar um ambiente agradável e de confiança, desde o início das aulas, na formação de turmas e no seu convívio da rotina escolar, para melhor desenvolver a aprendizagem.

Saltini (2008) cita que o professor deve manter um diálogo afetivo constante com seu aluno, para assim compreendê-lo melhor e se for o caso através do diálogo diagnosticar alguma dificuldade de aprendizagem. E que através do diálogo pode se moldar o aluno para uma vida de princípios e valores, principalmente nos dias atuais, onde o individualismo está tão presente.

Já Cunha (2008), fala que o professor é o guardião do seu ambiente. A começar pelos seus movimentos em sala, que devem ser adequados e gentis. A postura, o andar, o falar são observados pelos seus alunos, que o vê como modelo.

De acordo com o autor a postura do professor tem forte influência tanto positivamente como negativamente.

4 A AFETIVIDADE E A INFLUÊNCIA DO EDUCADOR PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Dentro de um contexto histórico geral sobre o conceito afetividade, descobriu-se que seu desenvolvimento contribui para o desenvolvimento das emoções cognitivas, que por sua vez acontecem quando a criança é influenciada no meio em que está inserida. Segundo Rego (1995), Vygotsky pontua que o processo de interação social da criança com o mundo e o grupo social ao qual pertence acontece primeiramente no seio familiar e posteriormente vai desenvolvendo com o meio social, ela produz sua história e quando passa a ter contato integral com o mundo que a cerca, começa a sistematizar novos conhecimentos e amadurecer suas concepções.

Quando a criança se desvincula do seio familiar para inserir-se na escola já trás consigo uma vivência cultural de aprendizagem referente aos costumes, informações e desenvolvimento social e afetivo, e a partir desses conhecimentos a escola tem por função reelaborar esses conhecimentos transformando-os em novos conceitos. No que tange a afetividade quando direcionamos a criança em

desenvolvimento cognitivo, um gesto com a cabeça, um sorriso, um elogio estamos de um modo geral permitindo a interação dessas para o convívio social, transmitindo-lhe segurança sobre como reagir diante de situações imprevistas.

Rego (1995) cita que Vygotsky defende a ideia de que toda comunicação, que a criança tem com o adulto antes da linguagem, é por meio da emoção, essa comunicação é involuntária. A criança ao nascer possui uma nova condição de vida, ela não traz consigo sentimentos de amor, raiva, ódio, medo etc. Ou seja, esses sentimentos visto como formas de expressão são adquiridas com o meio social, segundo Almeida (2007).

Almeida (2007, p. 52), destaca que, “se os meios de expressão emocional evoluem sob a interferência social isso significa que há um período em que a emoção é totalmente orgânica”. Nesse sentido a emoção orgânica para o referido autor são manifestações de sentimentos exposto pela criança, por exemplo, sentimentos de dor são expressos pelo choro, e que a afetividade inicial é determinada primeiramente pelo fator orgânico para posteriormente ser influenciada pelo meio social como afirma Almeida:

Antes dos seis meses não se podem identificar ainda as várias emoções que a criança experimenta, porém em suas atitudes já se encontram sinais de alegria e medo. Para se corresponder com a mãe, utiliza gestos expressivos. Quando sente fome, por exemplo, os gritos são um meio de pedir socorro à mãe. Esses gestos são dirigidos para pessoas à sua volta, portanto já são carregados de intencionalidade. (ALMEIDA, 2007 p. 52).

Nesse contexto, podemos observar que esses mecanismos emocionais desenvolvem na criança atitudes positivas ou negativas que por sua vez serão resultados da ligação afetiva que ela tem com seu meio social, pois a afetividade manifesta-se primeiramente no comportamento, nos gestos expressivos de cada criança. Contudo a afetividade passa a ser parte do processo de construção no desenvolvimento das aptidões cognitivas das crianças, pois as mesmas expressam suas emoções à medida que o desenvolvimento vai se processando, visto que a interdependência das pessoas, a influência recíproca por elas exercida constitui-se em seu desenvolvimento.

Cabe ao educador repensar sua prática pedagógica correlacionada com a afetividade, pois como ressalta Almeida a afetividade também é um desses outros aspectos que a escola deve lidar, ela é indispensável no cotidiano escolar, é um fator primordial na constituição e no desenvolvimento do educando, para tanto, faz-

se necessário que o educador conheça as emoções, sentimentos e afetos de cada um, entendendo que o desenvolvimento afetivo não pode ser visto de forma isolada nem indissociável da escola, pois ele acontece com o meio, e uma vez posto em prática contribuirá na formação afetiva e social do educando.

Partindo desse pressuposto, percebe-se que a criança vai ganhando maturação no seu desenvolvimento, e que a questão afetiva é o marco inicial desse processo, sendo assim a relação que ocorre no espaço escolar é marcada pelo processo da afetividade como um todo, pois o contato afetivo implica numa interação entre as pessoas.

Nessa concepção, pode-se afirmar que a afetividade é primordial na primeira infância, em especial na educação infantil, e que nesse período a criança vai ganhando espaço para definir seus sentimentos, assim como suas preferências pelo gostar ou não das coisas, tudo isso incide em seu desenvolvimento afetivo e fortalecendo seus vínculos em suas relações interpessoais.

É relevante que o professor tenha conhecimento atuando no sentido de direcionar o aluno a ter experiências positivas e não negativas. Todo o esforço é válido, possibilitando o aluno a demonstrar e perceber outras habilidades diferentes de seus colegas. Cada aluno desenvolve capacidades diferentes um do outro. Tais experiências de sucesso terão no educando uma influência ou motivo de realização pessoal, no grau de ansiedade perante o fracasso, no conceito que tem de si mesmo, e no grau de sua autoestima.

As expectativas do educador, suas características de personalidade, relação entre a criatividade, do educador e a de seus educandos, influência de valores culturais vigentes na escola, tudo isso se resume em afeto influenciando o comportamento do aluno por parte do educador. As competências do educador estão diretamente ligadas aos novos paradigmas propostos para a escola, que atualmente é vista como uma instituição que tem metas a atingir e objetivos a alcançar.

O educador deve estar preparado para criar uma nova cultura na sala de aula para fazer da escola à ponte para um novo tempo com uma visão mais humanística. Estas transformações devem ocorrer em um ambiente de prazer e alegria onde a criança deve ser respeitada no seu processo de desenvolvimento onde o educador conheça as particularidades deste processo. Devem acontecer dentro de um

ambiente afetivo, onde a relação educador e educando é a base para o pleno desenvolvimento.

Um ponto relevante a ser destacado em relação a influência afetiva do educador com o educando em especial o da educação infantil é que o educador deve saber separar a questão afetiva da aprendizagem, pois a afetividade é o território das emoções, das paixões e dos sentimentos. Já aprendizagem, permeia o território do conhecimento, da descoberta e da atividade; organizam-se em fenômenos complexos e multideterminados, definidos por processos individuais internos que se desenvolvem através do convívio humano.

Quando o espaço educacional propicia satisfação, e as questões sociais do educando estão favoráveis, os mesmos passam a desenvolver pré-disposições para desenvolver seus vínculos afetivos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância da afetividade e seus impactos na aprendizagem é um fator que deve ser levado em conta com muita responsabilidade, pois influência no processo como um elemento facilitador e motivador fundamentado principalmente na relação entre professor e aluno.

O estudo das referências na pesquisa ressaltou a importância de o professor conhecer bem seus alunos, não negligenciando os aspectos afetivos, sendo importante refletir constantemente sobre a importância da afetividade em uma sala de aula nos anos iniciais do ensino fundamental, de modo que os alunos possam ser compreendidos, aceitos e respeitados pelos seus professores e que estes possam compreender seus sentimentos. É preciso ter sensibilidade para ouvi-los, dialogar com eles e apoiá-los para que busquem superar as suas dificuldades.

Por meio dos aspectos fundamentados nas discussões dos autores conclui-se que a afetividade manifestada na relação entre professor e aluno constitui elemento inseparável no processo de construção do conhecimento, uma vez que a qualidade da interação pedagógica vai conferir um sentido afetivo para o objeto de conhecimento.

De acordo com Cunha, o desenvolver do afeto na relação ensino aprendizagem do aluno será algo determinante nesse processo, pois o mesmo

sentindo-se amado sentirá o desejo de aprender e conseqüentemente este saber adquirido elevará sua autoestima e o tornará feliz.

A afetividade é estimulada através da vivência e interação com o meio, na qual o professor-educador estabelece um vínculo de afeto com o educando. A criança precisa se sentir segura para se envolver com a aprendizagem, assim como todo professor precisa conhecer cada criança e seus estágios do desenvolvimento, relacionamentos e vivências com os outros, para que consiga ensinar satisfatoriamente seu aluno.

A afetividade, não se restringe somente a escola, ela também está inserida dentro do ambiente familiar, o qual também precisa desenvolver laços de afeto em seus filhos. As teorias da afetividade e do desenvolvimento humano tem nos mostrado o quanto essas especificidades intervêm na individualidade humana e, portanto, não podemos estabelecer leis psicológicas gerais que devem ser aplicadas igualmente a todos os seres humanos.

O educador não deve preocupar-se em realizar as funções que estão destinadas a família, porém não há como se eximir da responsabilidade de inserir afetividade como elemento indispensável em sua prática pedagógica.

Portanto, pode-se afirmar que as relações de mediação feitas pelo professor, durante as atividades pedagógicas, devem ser sempre permeadas por sentimentos de acolhimento, simpatia, respeito e apreciação, além de compreensão, aceitação e valorização do outro; tais sentimentos não só marcam a relação do aluno com o objeto do conhecimento, como também afetam sua autoimagem, favorecendo a autonomia e fortalecendo a confiança em suas capacidades e decisões.

As dificuldades de aprendizagem das crianças geralmente encontram origem emocional na forma como são tratadas em casa e na escola. Dessa forma o ato educativo deve estar presente no desenvolvimento do bem estar das mesmas, pois a educação escolar pode auxiliar a criança desde a infância, conseguindo alcançar seu objetivo que é, de adquirir uma aprendizagem significativa, uma educação de qualidade que o acompanha por toda a sua vida.

O processo de aprendizagem pode ser beneficiado quando professor e aluno buscam conhecimento mútuo de suas necessidades, tendo consciência de sua forma de relacionar-se, respeitando as diferenças.

Para isso, é de fundamental importância que o professor esteja consciente de sua responsabilidade e suas atitudes frente aos alunos tomando decisões de acordo

com os valores morais e as relações sociais de sua prática, pois diante de tais decisões pode-se contribuir para o sucesso ou o fracasso de uma criança na sua vida escolar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Laurinda R.; MAHONEY, Abigail A.: **A Afetividade e a aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. São Paulo, Edições Loyola, 3ª ed., 2011.

CUNHA, Antônio E.: **Afeto e Aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

GALVÃO, Izabel.: **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Izabel Galvão. Petrópolis: Vozes, 1995

LEONTIEV, Alexei. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizontes, 1978.

MAHONEY, Abigail A.; ALMEIDA, Laurinda R.: Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. Apresentada como minicurso na 27ª Reunião da Anped, no GT Psicologia da educação 2004. **Psic. da Ed.**, São Paulo, n. 20, 1º sem. de 2005, pp. 11-50. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n20/v20a02.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

MARTINELLI, Selma de Cássia. **Dificuldades de aprendizagem no contexto Psicopedagógico**. Petrópolis, RJ, Vozes, 2005.

PIAGET, Jean. **A Linguagem e o Pensamento na Criança (1923) Relação escola-família: elementos de reflexão sobre um objeto de estudo e construção**. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, v.12, n. 16, p.11-25, 1994.

REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky: Uma Perspectiva Histórico-Cultural da Educação**. 17º Ed. Petrópolis Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

SALTINI, Cláudio J.P. **Afetividade e Inteligência**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

SILVEIRA, Elisete A.: **A importância da aprendizagem na aprendizagem escolar: o afeto na relação aluno-professor**. Publicado na edição de março de 2014. Disponível em: <<https://psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/a-importancia-da-afetividade-na-aprendizagem-escolar-o-afeto-na-relacao-aluno-professor>>. Acesso em: 1º abr. 2016.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa, Edições 70, 1941.